O Sujeito *Queer* e a Problematização da Descendência Biológica a Partir da Produção em Arte Contemporânea[1]

Ricardo Oliveira de Lima [2]

Kalinka Lorenci Mallmann [3]

Resumo

Biologicamente, uma espécie prospera por meio da reprodução, na qual os indivíduos geram descendentes, passando seus genes adiante e perpetuando sua existência pela linhagem sanguínea de modo a formar um elo que permite a continuidade de sua árvore genealógica. Porém, será que a contribuição dos sujeitos para com a humanidade se resume apenas à procriação? A presente pesquisa apresenta como objetivo refletir sobre a descendência do sujeito *queer* na ausência da reprodução, através de poéticas visuais em arte digital. Como metodologia, o estudo se utiliza de pesquisa bibliográfica e referências artísticas, como a proposta em arte digital do artista Ricardo Lima, o qual dispõe em seu processo criativo um exame de ADN, a fim de coletar dados de sua linhagem genética. Desse modo, o artigo problematiza o que se entende como reprodução e descendência, ampliando a discussão da diversidade atrelada à identidade, considerando as experiências do sujeito e a produção de subjetividades por meio da arte como modo de enriquecer a história e promover o sentido de continuidade da humanidade.

Palavras-chave

Arte Contemporânea; Identidade *Queer*; Arte Digital; Ancestralidade Genética; Reprodução.

Comunidade LGBTQIAP+: A Não-Conformidade aos Padrões Sociais e Papéis de Gênero

Inseridos em uma sociedade marcada por estigmas sociais, os sujeitos que integram comunidade LGBTQIAP+ ainda sofrem violência por serem quem são, seja verbal ou fisicamente, em especial no que diz respeito à sua não-conformidade com a

[1] Trabalho apresentado no Eixo 11 - Tecnologias digitais, gênero e diversidade do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 04 a 07 de dezembro de 2023.

[2] Acadêmico do curso de Licenciatura em Artes Visuais, Universidade Federal de Santa Maria, ricardo.lima@acad.ufsm.br.

[3] Mestre em Artes Visuais, Universidade Federal de Santa Maria, kalinka.mallmann@acad.ufsm.br.

heteronormatividade e as questões de reprodução. De acordo com a Biologia, a procriação tem sido considerada fundamental para a prosperidade de uma espécie, entrelaçando-se com a perpetuação da árvore genealógica por meio da transmissão de genes. No entanto, é inquietante pensar que a contribuição de qualquer indivíduo à humanidade se limite unicamente à reprodução. Pensando nisso, surge o seguinte problema de pesquisa: "De que maneira a arte pode se estabelecer como uma contribuição do sujeito *queer* para a sociedade, considerando a ausência de descendência biológica?"

Este estudo busca lançar luz sobre a experiência do sujeito *queer* por meio da produção artística contemporânea. Visto que, a produção em arte digital com temática *queer* se configura como norteadora desse artigo, que tem como objetivo refletir sobre a descendência do sujeito *queer* através de poéticas visuais. A pesquisa também propõe problematizar a reprodução humana como único modo de perpetuação da espécie, fomentando a arte enquanto meio de permanência e multiplicação do sujeito. Além disso, busca-se promover uma reflexão através de poéticas artísticas sobre a posição do corpo *queer* enquanto construção social. Sendo assim, torna-se relevante discorrer sobre o papel da arte como veículo para a reflexão, transformação social e contribuição do sujeito à sociedade.

Em termos biológicos, a perpetuação de uma espécie é tradicionalmente vinculada à reprodução, através da qual os genes são transmitidos, formando uma linhagem genealógica que possibilita a permanência dos seres vivos no planeta. Entretanto, a contribuição individual do sujeito à espécie humana não deve ser limitada apenas à procriação, visto que existem inúmeras variáveis que impedem a reprodução tradicional, como a infertilidade e a orientação sexual divergente do padrão heteronormativo. Nesse contexto, o presente estudo se concentra na pessoa *queer*, cuja identidade frequentemente vai de encontro aos padrões convencionais de reprodução, e questiona como ela pode colaborar para a espécie humana de maneira significativa, indo além da questão biológica. Desse modo, faz-se necessário ampliar a compreensão da diversidade da experiência humana. Considerando a arte como

meio de explorar e problematizar essa temática ao oferecer uma abordagem criativa e sensível para entender como o corpo *queer* se insere em uma linhagem genealógica, mesmo quando não há descendentes biológicos envolvidos. Ademais, a utilização do exame de ancestralidade a partir do ADN do artista-pesquisador como base para os trabalhos poéticos visa adicionar uma dimensão de ancestralidade genética à pesquisa, enriquecendo ainda mais a compreensão da relação entre sua identidade *queer* e a linhagem genealógica que levou à existência deste indivíduo.

Segundo um levantamento recente feito pela Unesp (Universidade Estadual Paulista) e a USP (Universidade de São Paulo), de acordo com dados populacionais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Brasil possui 12,04% de indivíduos na fase adulta que se consideram membros da comunidade LGBTQIAP+, o que representa em torno de 19 (dezenove) milhões de pessoas. Estes dados oferecem uma compreensão significativa da presença e diversidade dessa comunidade na sociedade brasileira e da necessidade de discutir mais sobre o tema, pois as pessoas do espectro LGBT+ enfrentam circunstâncias de vida mais adversas e índices de violência superiores em comparação com aqueles que são cisgênero e heterossexuais. O grupo enfrenta desafios relacionados à desigualdade socioeconômica, estigma e discriminação, impactando negativamente tanto em contextos educacionais e profissionais quanto no acesso aos serviços básicos de saúde (SPIZZIRRI et al., 2022).

Se o único bem que o proletariado pode oferecer à sociedade é a prole, então estes dezenove milhões de sujeitos que, por terem relações apenas com indivíduos do mesmo sexo biológico (como gays e lésbicas) ou por preferirem não ter relação sexual alguma (como assexuais), potencialmente sendo considerados incapazes de se reproduzir, são inúteis à espécie humana? Nesse viés, a arte pode se comportar como uma ferramenta para que esta comunidade não apenas deixe sua marca, reconhecendo e valorizando sua identidade e diversidade, mas também como uma forma de artistas LGBTQIAP+ registrarem seu legado, contribuindo de alguma forma para a massa, seja através de uma

reflexão ou provocamento proporcionado pela sua obra.

Além disso, levando em conta a cena artística brasileira e mundial, através de artistas como Helena Cabello e Ana Carceller, que questionam os protocolos de representação de sexualidades e identidades ditas não-convencionais, esse estudo se apoia em reflexões sobre a identidade e o corpo *queer* como membros constituintes, e não à parte, da sociedade, uma discussão que tem demonstrado pertinência no cenário social contemporâneo.

Reprodução, Ancestralidade Genética e Descendência

O presente estudo se apoia em duas ideias centrais: a ancestralidade e a identidade *queer*. Quanto à questão da reprodução e da descendência, pode-se dizer que o ato de procriar é o veículo pelo qual se constroem não apenas as árvores genealógicas e as linhagens genéticas, como também a história da evolução das espécies, cujo triunfo se dá diretamente pelo ato de reproduzir e passar seus genes adiante.

Através do exame de ADN realizado na própria residência do artista-pesquisador Ricardo Lima, foi possível identificar sua linhagem genética tanto pelo lado paterno quanto pelo lado materno. De acordo com a plataforma através do qual o exame foi adquirido e realizado, a linhagem paterna só pode ser rastreada geneticamente em indivíduos que possuam o cromossomo Y, o que é uma verdade para o artista-pesquisador, cujo sexo biológico é o masculino. Já a linhagem materna é investigada através do ADN mitocondrial, pois ele é passado de mãe para filho. Os dados obtidos através do exame foram apurados em três diferentes dimensões, a saber:

1. Ancestralidade (no que diz respeito à ancestralidade global do sujeito, bem como as origens da sua linhagem genética paterna – via cromossomo Y – e da linhagem materna – via ADN mitocondrial);

2. Saúde (no que diz respeito à escala de risco para desenvolvimento de certas doenças e condições genéticas, bem como a reação do seu corpo a determinados medicamentos);

3. Bem-Estar (no que diz respeito a dados adicionais também extraídos do genoma, como por exemplo, informações nutricionais, de desempenho físico, pele, envelhecimento e curiosidades extras a fim de promover o autoconhecimento).

Como resultado do teste, constatou-se que 87% do ADN do artista provém da Europa, sobretudo, da Península Ibérica (42%), o que não é novidade, já que o Brasil foi colonizado por portugueses, e da Itália (27%). No entanto, vale destacar que a linhagem paterna do mesmo tem origem africana. Como resultado, a própria plataforma online gera um mapa com as demarcações territoriais e rotas em que os ancestrais do indivíduo percorreram ao longo de centenas de milhares de anos, conforme visto na figura 1. Esta representação gráfica se mostra relevante no entendimento de que inúmeras gerações de seres humanos, concebidas através da reprodução, foram necessárias para que hoje, o artista-pesquisador Ricardo Lima exista enquanto corpo, enquanto indivíduo e enquanto membro constituinte da sociedade atual.

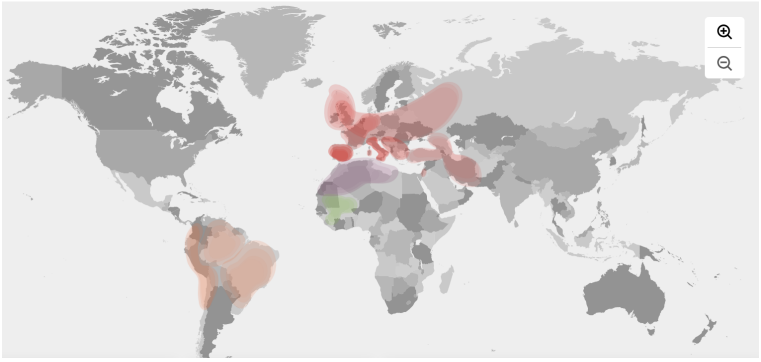

Figura 1 – Mapa da Ancestralidade Global conforme exame de ADN do artista. Fonte: Acervo Pessoal.

Esta, no entanto, não é a única representação visual oferecida pela plataforma, que também disponibiliza vários outros mapas indicando estas rotas traçadas

pelos ancestrais que, embora não tenhamos conhecimento sobre sua identidade, costumes ou crenças, de alguma forma ou de outra, fizeram-se necessários para a existência do artista-pesquisador nos dias atuais. Tais representações gráficas se fazem importantes para a constituição da poética visual do artista em torno da ancestralidade, uma vez que colocam em destaque corpos que, assim como o artista, um dia respiraram e tiveram capacidades subjetivas, mas que há muito foram esquecidos, ocultados do conhecimento geral pelo rigor do tempo.



Figura 2 – Lynn Fellman, Spiral Journey. 2020-2021. Fonte: https://fellmanstudio.com/portraits/

A escritora e artista visual independente Lynn Fellman trabalha com representações visuais que expressam a ancestralidade genética de pessoas de diversas etnias através de mapas. A obra intitulada "*Spiral Journey*" (Jornada Espiral), conforme Figura 2, retrata uma mulher afro-americana chamada Judy, cuja linhagem genética surgiu no Continente

Africano há aproximadamente 80 mil anos atrás, sendo um grupo de humanos modernos (Homo sapiens sapiens) que lideravam as migrações para fora da África. Os ancestrais dela faziam parte de um grupo que decidiu permanecer no continente, viajando para oeste e norte, formando uma "espiral" na metade superior da África. Seus descendentes provindos da África Oriental então formaram a linhagem encontrada hoje em muitos afro-americanos, afro-brasileiros e caribenhos.

Já a artista visual portuguesa Maria Manuela Lopes, cuja prática pode ser descrita como transdisciplinar, ao pesquisar relações de memória e identidade informadas tanto pelas ciências biológicas quanto pela investigação médica, é uma das participantes de um projeto que intersecciona genética e identidade, realizado pelo site *Ancestry Traveller* (que pode ser traduzido literalmente como Viajante da Ancestralidade). O projeto reflete sobre a interação entre o eu interior e as identidades sociais, que podem influenciar a sensação de construção e pertencimento pessoal. Se tanto a biologia quanto os corpos são construídos socialmente, pode-se inferir que há uma inter-relação entre genética, identidade e algumas práticas sociais. A questão central do projeto reside em entender como a genética impacta nossa essência enquanto seres sociais e até que ponto somos moldados por genes, educação, cultura ou experiência.

Levando em consideração a relação cultural ou de ancestralidade com populações nativas dos locais visitados pela primeira viagem de circunavegação de Fernão de Magalhães, ocorrida há mais de 500 anos, cuja história constitui o pontapé inicial para o surgimento do projeto, surge então a reflexão sobre como o conhecimento da ancestralidade genética pode alterar a autopercepção da identidade. Nesse contexto, o projeto cujo júri Lopes faz parte, convidou artistas visuais no ano de 2023 a explorarem essas questões por meio da prática artística do desenho.

Mas e quanto à descendência? É prudente culpar uma pessoa LGBTQIAP+ quando em muitos casos, a não-reprodução biológica do indivíduo não é uma escolha, mas uma limitação ou impossibilidade corporal dada sua condição enquanto alguém que não sente

nenhum tipo de desejo sexual por sujeitos do sexo biológico oposto? Este questionamento se apoia no fato de muitos casais homoafetivos frequentemente recorrerem à adoção, pois têm o desejo de serem pais, mas biologicamente, seus corpos não criam o subsídio necessário (atração sexual pelo sexo oposto) para que isto aconteça.

Ao passo em que a sociedade julga e condena as pessoas LGBTQIAP+, cientistas de todo o mundo buscam uma explicação biológica para o fenômeno *queer*. Afinal, existe um gene gay? Uma codificação genética que defina a orientação sexual que uma pessoa desenvolverá ao longo da vida, e sobretudo, existe um papel evolutivo na existência da homossexualidade? Ou será que a atração sexual é uma questão meramente comportamental e, portanto, uma escolha dos indivíduos? O assunto ainda é bastante controverso, pois enquanto pessoas LGBTQIAP+ afirmam terem nascido assim — o artista-pesquisador Ricardo Lima incluso —, no sentido de que nunca sentiram atração sexual diferente da que sentem, a ciência ainda não parece ter encontrado uma resposta convincente para a origem da homossexualidade, conforme Varella (2015).

A questão da homossexualidade está, de alguma forma relacionada à genética, mas não há um gene ou conjunto de genes comprovadamente responsáveis pela orientação e atração sexual dos seres humanos. Uma teoria recente, de 2012, proposta por William Rice, sugere que talvez a genética em si não seja a responsável pelo surgimento do fenômeno, mas a epigenética, que pode ser definida como as “alterações químicas do DNA que modificam a atividade dos genes sem, no entanto, alterar-lhes a estrutura química” (VARELLA, 2015).

Mesmo os testes genéticos mais recentes como o adquirido pelo artista-pesquisador Ricardo Lima ainda não são capazes de identificar a orientação sexual ou a identidade de gênero do indivíduo através do genoma, apenas questões relacionadas ao sexo biológico, como por exemplo, o desenvolvimento "correto" dos órgãos genitais e a intersexualidade (antigamente chamada de hermafroditismo). Torna-se então evidente que o papel social de um determinado sexo biológico se sentir atraído somente pelo sexo oposto é infundado

biologicamente, bem como o fato de as manifestações sexuais que transgridem esta norma social serem tachadas como opção ou escolha. Ao mesmo tempo, a controvérsia se faz presente a partir do momento em que a ciência não encontra uma explicação que justifique a existência da homossexualidade como sendo natural e imposta pela genética, portanto, sendo imutável e uma questão que se sobrepõe à qualquer vontade do indivíduo de ser diferente.

Caso a hipótese da epigenética como fator determinante que comprova o fato da "sexualidade hétero-divergente" não ser uma escolha, seja corroborada cientificamente por novos estudos, a não-reprodução também passa a ser considerada um fator involuntário. Entretanto, o tema ainda é recente na pesquisa científica, a própria genética sendo considerada "nova" em termos de produção de conhecimento. Mais estudos ainda são necessários para que esta teoria seja corroborada ou, pelo contrário, desacreditada. Até lá, cabe ao artista-pesquisador Ricardo Lima transformar a sua arte em um veículo de indagação, disparador de questionamentos que visam a reflexão por parte da sociedade e a quebra do estigma que gera o preconceito e a discriminação sofridos pela comunidade LGBTQIAP+.

No próximo subcapítulo, dando seguimento à narrativa autobiográfica utilizada como uma das metodologias desta pesquisa, será discutida a questão do sexo biológico e do papel de gênero na sociedade, bem como a "não-reprodução" por parte da pessoa que se identifica como *queer* ou membro constituinte de qualquer parte do espectro LGBTQIAP+, visto que o artista-pesquisador Ricardo Lima é um sujeito que se identifica como pertencente a tal comunidade. Além disso, será discorrido sobre a violência que os indivíduos pertencentes a este grupo diverso sofrem em razão de suas identidades, e como isso pode (ou não) representar uma quebra na linhagem genética que se forma justamente através da reprodução biológica.

Identidade *Queer*: Papéis Sociais de Gênero

No livro “Problemas de Gênero: feminismo e a subversão da identidade”, a filósofa feminista Judith Butler promove um desmonte ou desconstrução ao discorrer sobre o sexo (biológico) ser natural, enquanto o gênero é algo social e culturalmente construído, artificial. A autora destaca que, ao contrário da natureza em que o sexo desempenha um papel definido, o gênero não possui a mesma relação predefinida com a cultura. Ela sugere que o gênero atua como um meio discursivo e cultural pelo qual a natureza sexuada ou um sexo natural é moldado e estabelecido. Em outras palavras, o gênero funciona como uma plataforma discursiva e cultural que influencia a formação e a concepção do sexo, considerado como algo prediscursivo e anterior à cultura. Essa perspectiva visualiza o sexo como uma superfície inicialmente política e neutra na qual a cultura exerce sua influência e atua para estabelecer significados e normas associadas ao gênero e à sexualidade.

> Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (BUTLER, 2018, p. 22).

A autora questiona sobre os discursos científicos a serviço de interesses políticos e sociais moldarem a percepção do que é o sexo biológico e de sua atuação na sociedade, ou seja, qual o “papel” cada indivíduo teria que desempenhar socialmente de acordo com seu sexo biológico. Ao longo do livro, ela defende a existência de uma diferença entre o sexo biológico, geneticamente imutável, e o gênero, que é um construto social que delimita papéis, ações e, consequentemente, o poder dos indivíduos na sociedade, bem como a expressão identitária dos indivíduos.

As reflexões de Butler, inicialmente elaboradas para discutir a pauta feminista, também trouxeram visibilidade à causa das pessoas LGBTQIAP+ no que veio a se tornar a

chamada "Teoria *Queer*". Ora, se o gênero é uma concepção ideológica criada pela sociedade para exercer um controle de corpos, então sexo e gêneros são coisas distintas, já que o sexo, sendo algo biológico e, por assim dizer, genético, precede qualquer noção de cultura e sociedade, enquanto a noção de gênero é fomentada por papéis e incumbências sociais (culturais) que delimitam as ações e o comportamento dos indivíduos, como por exemplo, a ideia de que certas vestimentas devem ser utilizadas exclusivamente por determinado gênero, ou que determinados movimentos corporais só devem ser performados por um determinado gênero.

Muito embora a filósofa estabeleça essa distinção, é evidente que a sociedade ainda atrela o cultural ao biológico, como se fossem um só, e esta concepção de que existem papéis (binários) de gênero, é o que dá origem ao estigma e preconceito sofrido pelas minorias divergentes do padrão heteronormativo, conforme evidenciado estatisticamente pela pesquisa de Spizzirri et. al. (2022), que destaca que o Brasil é um dos países com o maior número de eventos violentos que resultam na morte de pessoas LGBTQIAP+.

Quando se fala em violência, refere-se ao uso intencional de poder ou força física, seja na forma de ameaça ou de execução concreta de uma agressão, e pode se dar contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade. Isto resulta ou tende a resultar com uma alta probabilidade em lesão, morte, dano psicológico, mal desenvolvimento ou privação, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). A natureza da violência pode ser categorizada como física, sexual, psicológica e de privação ou negligência. Ainda de acordo com Spizzirri et. al. (2022), a violência contra pessoas LGBT+ em razão de sua sexualidade (incluindo entre menores de 18 anos) é tratada não apenas em diversos artigos científicos como também frequentemente encontrada em veículos de notícias.

Segundo Spizzirri et. al. (2022), 5,76% dos brasileiros adultos em 2022 se consideram assexuais, 0,93% lésbicas, 1.37% gays, 2.12% bissexuais, 0.68 transgêneros, and 1.18% não-bináries, totalizando 12,04%. Levando em conta que a probabilidade de

pessoas bissexuais e transgêneros se reproduzirem é maior, tendo em vista que ocasionalmente podem acabar tendo relações sexuais com pessoas do sexo biológico oposto, então a soma dos demais grupos representa 9,24% da população brasileira naquele ano.

É evidente que a população LGBTQIAP+ pertence a um grupo minoritário, suscetível a circunstâncias de vida mais adversas e índices de violência superiores em comparação com aqueles que se encaixam no padrão heteronormativo. Ainda que o grupo fique em torno de apenas 10% da população brasileira, este número ainda representa milhões de pessoas que precisam lutar diariamente para serem reconhecidas em sua identidade de gênero e orientação sexual.

Além disso, o estudo deixa claro que as porcentagens nele apresentadas podem estar subestimadas, pois devido ao estigma em torno de ser uma pessoa *queer*, alcançar estas pessoas através de amostragens ainda é difícil, seja por conta da violência que estes indivíduos sofrem, seja por conta dos sujeitos ainda estarem se descobrindo. A pesquisa de Spizziri et, al. (2022) tem um tamanho amostral pequeno quando comparada a outros estudos os quais os próprios autores utilizaram como base, mas eles ressaltam que sua pesquisa teve uma abordagem diferenciada, tendo os dados sido coletados presencialmente, pois os mesmos acreditam que este método seja mais eficaz no Brasil, uma vez que o número de brasileiros com acesso limitado à internet e serviços de telefonia ainda é bastante significativo.

O papel da estatística é gerar uma estimativa, uma probabilidade baseada em coletas de amostras de uma população. Caso as porcentagens apresentadas por Spizziri et, al. (2022) estejam sendo de fato subestimadas, isso significa que o número real de brasileiros que se identificam como pertencentes à comunidade LGBTQIAP+ é ainda maior. Ou seja, é possível que ainda mais pessoas sofram com o estigma do que os números apontam, daí a importância de debater a identidade *queer* e a fuga do padrão heteronormativo na sociedade, a fim de levar a informação, promover o conhecimento e desfazer o preconceito.

Mas como estes assuntos que, a princípio, não parecem estar ligados — a saber: a ancestralidade e a identidade *queer* — podem se entrelaçar? A presente pesquisa visa interseccionar estes dois temas ao problematizar a ideia de que todas as pessoas, em algum momento da vida, devem se reproduzir. Pessoas que se identificam como *queer*, estando inseridas em qualquer posição do espectro LGBT+, podem acabar se relacionando com pessoas do mesmo sexo biológico e, portanto, gerando incompatibilidade de uma descendência direta, causando uma "ruptura" na estrutura genealógica familiar e na linhagem genética, sobretudo, em casos em que a pessoa é filho único.

Assim, o artista-pesquisador Ricardo Lima entra com sua narrativa autobiográfica, baseando-se em fatos de sua vida pessoal para costurar estas temáticas de forma subjetiva em poéticas visuais, questionando a reprodução humana como único fator de herança a ser deixado pelos indivíduos, ao passo que, com sua pesquisa, reforça a necessidade de discussão sobre a diversidade de gênero e dos papéis que a sociedade impõe aos sexos biológicos, como se o sexo e sua demanda comportamental imposta pela cultura fossem uma coisa só. Na sequência, será discorrido sobre o uso dos dados genéticos pessoais do artista e a linguagem escolhida para a realização de sua poética.

Arte Contemporânea: Poéticas Visuais Digitais

Diferentemente da sua sexualidade e da não-reprodução, a preferência por poéticas visuais em arte digital foi uma escolha voluntária do artista, devido a trabalhos anteriores do mesmo que já envolviam o uso desta linguagem artística, como por exemplo, a série "Fatos que Levaram à Minha Existência", na qual o artista cria uma composição com texturas a partir de sua própria silhueta para sugerir uma linha do tempo de aproximadamente 4,6 bilhões de anos (a idade aproximada do Planeta Terra) e todos os acontecimentos importantes que marcaram o surgimento e o desenvolvimento da vida durante esse período.

O trabalho que conceitualmente versa sobre acontecimentos longínquos tidos como

determinantes para a existência da vida como conhecemos e, portanto, para a existência do artista-pesquisador Ricardo Lima enquanto ser humano, flerta com a ideia da linhagem genética e de que todos os seres vivos, em algum momento, descenderam de um único ancestral em comum. Nessa sequência de trabalhos, o eu do artista (sob o pseudônimo Quadros de Sá) é posto em evidência através do seu corpo, destacando a importância que os seres humanos dão a si mesmos diante da imensidão do tempo, ao passo em que também promove uma reflexão sobre o quão jovens e efêmeros somos enquanto espécie, conforme a Figura 3. A intenção da presente pesquisa é conjugar a poética já existente com os resultados dos exames de ADN do artista para de desenvolver novas visualidades.

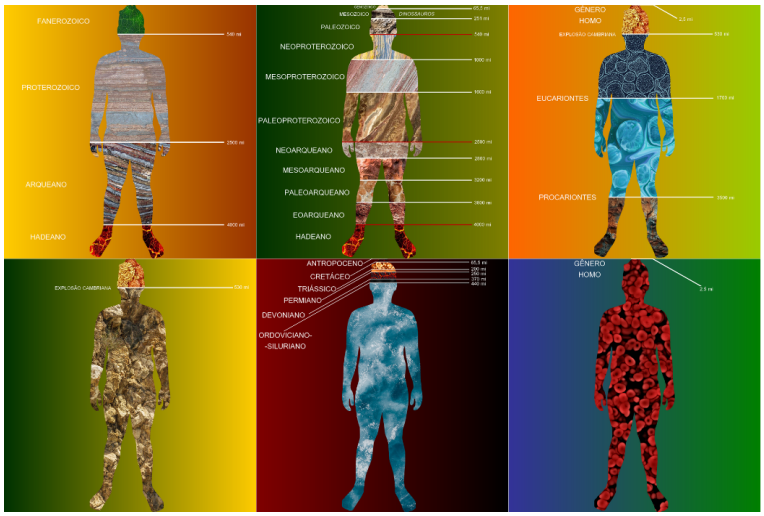

Figura 3 – Série “Fatos que Levaram à Minha Existência”, Quadros de Sá, 2023. Fonte: Acervo Pessoal.

Muito embora a arte envolvendo o uso de ADN ainda seja um tanto quanto nova no cenário artístico mundial, artistas de diversos países têm trabalhado com a extração de material genético para simulações realistas da aparência física de indivíduos de acordo com as informações obtidas através de seu código genético, como é o caso de Diemut Strebe, artista alemã que ganhou notoriedade após criar uma réplica 3D da “orelha perdida” de Van Gogh, utilizando-se de células do tataraneto do irmão do pintor pós-impressionista, Theo, para criar uma réplica digital 3D posteriormente impressa de como seria a orelha do artista.

Já a artista Heather Dewey-Hagborg, em seu projeto intitulado "*Strangers Visions*" (Visões de Estranhos) coleta amostras de ADN em fios de cabelo, unhas, gomas de mascar, cigarros e objetos descartados em locais públicos para recriar rostos com impressão 3D de acordo com as características físicas presentes nos códigos genéticos.

Outros artistas trabalham com ideias mais abstratas de ADN, não necessariamente utilizando informações genéticas reais para a construção de obras visuais, como é o caso de Bill Sanderson. O conceito por trás de sua obra "DNA in all Living Things" (ADN em todas as coisas vivas), de 2013, envolve a universalidade do Ácido Desoxirribonucleico, que é compartilhado por todos os seres vivos, o que vai mais além na questão da ancestralidade, entendendo que todas as espécies que conhecemos hoje possuem ancestrais em comum, alguns mais próximos, alguns mais distantes.

No trabalho, o artista representa os filamentos da dupla hélice de ADN formando um rosto humano. Nos espaços "vazios" é possível identificar diversos seres vivos (animais, fungos e plantas) que têm sido utilizados em investigação genética, como por exemplo, uma ovelha que é conhecida por ter sido o primeiro animal clonado por seres humanos com sucesso. Também é possível identificar a figura de um porco, animal que tem suas informações genéticas modificadas para que seus órgãos possam ser transplantados para seres humanos.

Já a dupla Cabello/Carceller, formada por Helena Cabello (França) e Ana Carceller (Espanha), que expôs recentemente na 35ª Bienal de São Paulo, ocorrida nos dias 06 de setembro a 10 de dezembro de 2023, em sua produção contemporânea, versa convenções de representação de sexualidades e identidades que escapam da norma. Em trabalhos como "*The State of the Art _a performative essay*" (2015) e "*Lost in Transition _a performative poem*" (2016), discutem sobre a identidade de gênero, trazendo diversas travestis para protagonizarem performances registradas na forma de videoarte. O primeiro trabalho citado, inclusive, foi exposto no Pavilhão Espanhol na 56ª *Biennale di Venezia* (Itália), ocorrida entre 9 de maio a 22 de novembro de 2015, o que mostra que as artistas já vêm

trabalhando com a temática *queer* há um bom tempo, incorporando a identidade de gênero em suas poéticas.

Mesmo obras mais antigas, como "*A Kiss*", datada de 1996, trazem à tona a questão da sexualidade divergente do padrão heteronormativo. No vídeo inicialmente em VHS, depois transferido para DVD, Cabello e Carceller criam uma espécie de autorretrato na qual os dois rostos se beijando tentam ocupar o centro da tela ao passo em que uma discussão violenta se desenvolve como trilha sonora, refletindo sobre a complexidade das relações interpessoais enquanto explora poéticas digitais. O trabalho foi exibido em "Global Feminisms" (Feminismos Globais), uma exposição coletiva que reuniu 88 artistas feministas organizada pelo Museu do Brooklyn, em 2007.

Tomando como base o teste genético de ancestralidade e o interesse pela temática *queer* de Cabello/Carceller, o artista-pesquisador Ricardo Lima, novamente sob o pseudônimo Quadros de Sá, desenvolveu mais uma obra em poéticas visuais digitais, intitulada "Evolução Gay" (2023), na qual o mesmo utiliza uma fotografia sua (*selfie*) para criar um autorretrato constituído apenas de palavras. Tais termos formam o desenho do rosto do artista, através de uma técnica conhecida como *word art*. O trabalho, conforme Figura 4, foi realizado por meio da ferramenta online *wordificator*, aplicação capaz de utilizar palavras para preencher silhuetas, dando-lhes assim, uma figuração.

As palavras foram escolhidas pelo artista a fim de que estabelecessem uma relação entre biologia (sexo biológico) e cultura (gênero e identidade), e o trabalho final é uma animação curta, de apenas dois segundos, cujo intuito é repetir-se em *looping*. No vídeo, a imagem estática do rosto do artista, completamente formada por palavras, sofre com uma interferência digital, um efeito "*glitch*", como se o arquivo estivesse corrompido, novamente questionando o rompimento com os padrões heteronormativos.



Figura 4 – "Evolução Gay", Quadros de Sá, 2023. Frame de Vídeo. Fonte: Acervo Pessoal.

Considerações Finais

Embora esta seja ainda uma pesquisa em andamento, vislumbra-se o potencial da arte como ferramenta capaz de romper paradigmas e subverter conceitos enraizados em uma cultura heteronormativa. Além disso, a pesquisa sugere que a arte pode ser instrumentalizada para fortalecer identidades ao provocar reflexões sobre questões sociais e desafiar a noção convencional da reprodução humana como único meio de perpetuação da espécie. Deste modo, a arte emerge como uma via de permanência e resistência do sujeito, transcendendo as narrativas tradicionais e desafiando preconceitos culturalmente arraigados a partir da produção de subjetividades.

Dessa forma, esse estudo não apenas contribui para uma maior aceitação e visibilidade das pessoas queer, mas promove uma aproximação das formas como o corpo queer se posiciona em relação à linhagem genealógica quando a reprodução tradicional não está presente, sendo possível, a partir dessa prerrogativa, refletir sobre o papel das pessoas queer na evolução da sociedade, transcendendo as fronteiras das normas convencionais de reprodução e geração de uma herança ou legado para os seres humanos.

Observando a forte presença da temática *queer* no cenário da arte contemporânea mundial e se utilizando de artistas que trabalham as questões de gênero e sexualidade como referência, busca-se aprofundar-se mais no entendimento intersecção entre ancestralidade, pessoa *queer* e descendência, com o objetivo de responder de que maneira a arte pode se estabelecer como uma contribuição do sujeito *queer* para a sociedade, considerando a não-reprodução. Desse modo, pretende-se dar continuidade às reflexões das poéticas artísticas instauradas a partir dos resultados dos exames genéticos adquiridos pelo artista Ricardo Lima, com intuito de estimular uma reflexão no âmbito sociocultural no combate ao estigma e ao preconceito que ainda perseguem estes indivíduos.

Referências

AHMED, Sara. **Entrevista – Judith Butler:** 'Boa parte de teoria *queer* foi dirigida contra o policiamento da identidade. Revista ComCiência, v. 1, n. 185, 2017. Disponível em: <http://www.comciencia.br/entrevista-com-judith-butler/>. Acesso em: 10 de nov. de 2023.

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (org.). **O meio como Ponto Zero.** Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

BROOKLYN MUSEUM. **Cabello/Carceller.** Disponível em: <https://www.brooklynmuseum.org/eascfa/about/feminist_art_base/cabello-carceller> Acesso em: 17 de nov. de 2023.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade / Judith P. Butler;

tradução Renato Aguiar. – 16. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CABELLO, Helena; CARCELLER, Ana. **Lost in Transition _a performative poem.** 2016. original de arte, vídeo-instalação. Disponível em: <https://www.cabellocarceller.info/lostintransitionaperformativepoem>. Acesso em: 17 de nov. de 2023.

CABELLO, Helena; CARCELLER, Ana. **The State of the Art _a performative essay.** 2015. original de arte, vídeo-instalação. Disponível em: <https://www.cabellocarceller.info/thestateoftheart>. Acesso em: 17 de nov. de 2023.

CABELLO, Helena; CARCELLER, Ana. **A kiss.** 1996. original de arte, vídeo em VHS transferido para DVD, 4', collection Fundación ARCO, Centro de Arte Dos de Mayo. Disponível em: <https://www.cabellocarceller.info/akiss>. Acesso em: 17 de nov. de 2023.

CATTANI, Icléia Borsa (org.). **Mestiçagens na Arte Contemporânea.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

Chamada de projetos de desenho: Genética e Identidade. Disponível em: <https://ancestrytraveller.i3s.up.pt/pt/call-for-drawing/> Acesso em: 19 de nov. de 2023.

DEWEY-HAGBORG, Heather. **Strangers Visions.** 2012-2013. original de arte, Impressão 3D. Disponível em: <https://deweyhagborg.com/projects/stranger-visions>. Acesso em: 19 de nov. de 2023.

FELLMAN, Lynn. **Spiral Journey.** 2020-2021. original de arte, arte digital. Disponível em: <https://fellmanstudio.com/portraits/>. Acesso em: 17 de nov. de 2023.

FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. **Narrativas Autobiográficas:** Entre lembranças, experiências e artefatos. 2017. Disponível em: <https://itacarezinho.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3129>. Acesso em: 17 de nov. de 2023.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo:** feminismos plurais. São Paulo: Jandaíra, 2023. 191 p.

SÁ, Quadros de. **Série:** Fatos que Levaram à Minha Existência. 2023. original de arte, arte digital. Disponível em: <https://quadros-de-sa.blogspot.com/2023/10/serie-fatos-que-levaram-minha-existencia.html>. Acesso em: 17 de nov. de 2023.

SANDERSON, Bill. **ADN em todas as coisas vivas.** 2013. original de arte, arte digital. Disponível em: <https://www.sciencephoto.com/media/210403/view/dna-in-all-living-things-artwork>. Acesso em: 17 de nov. de 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si:** estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: EDUNEB, 2006.

SPIZZIRRI, G. et al. **Proportion of ALGBT adult Brazilians, sociodemographic characteristics, and self-reported violence.** Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/11/pesquisa-populacaolgbt-datafolha-unesp.pdf>. Acesso em: 17 de nov. de 2023.

STREBE, Diemut. **Sugababe.** 2014. original de arte, impressão 3D. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/06/replica-da-orelha-de-van-gogh-feita-com-celulas-vivas-esta-em-exposicao.html>. Acesso em: 17 de nov. de 2023.

VARELLA, Drauzio. **Homossexualidade, DNA e a Ignorância.** 2015. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/sexualidade/homossexualidade-dna-e-a-ignorancia-artigo/>. Acesso em: 19 de nov. de 2023.